

# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalent*

Ano LI, número 42 (2.667)

Cidade do Vaticano

terça-feira 20 de outubro de 2020

## Francisco relança o “Global Compact on Education”



Um grupo de crianças na favela de Kibera, Nairobi (Quênia), a caminho da escola

A disparidade de oportunidades escolares, agravada pela pandemia, impõe «a adesão a um pacto educativo global para e com as jovens gerações», destinado a contrastar a «dramática realidade» de uma verdadeira «catástrofe educativa». Mediante este apelo urgente, o Papa Francisco relançou o “Global Com-

pact on Education” do qual ele mesmo foi promotor em setembro de 2019, anunciando um encontro que deveria ter tido lugar a 14 de maio de 2020, mas foi adiado devido à Covid-19. Fê-lo através de uma mensagem de vídeo, transmitida na tarde de 15 de outubro, durante um encontro em streaming,

promovido pela Congregação para a educação católica na Universidade lateranense.

«As plataformas educativas informáticas – explicou o Papa – demonstraram que muitas crianças e adolescentes ficaram para trás no processo de desenvolvimento pedagógico». «Cerca de dez milhões – observou – delas poderiam ser obrigadas a abandonar a escola, por causa da crise económica gerada pelo coronavírus, aumentando uma disparidade já alarmante».

E no Dia da alimentação o Papa voltou a propor a instituição de um fundo mundial para o desenvolvimento dos países mais pobres intervindo com uma mensagem em vídeo na cerimónia realizada a 16 de outubro em Roma, na sede da Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura.

## Todos irmãos, até aqueles “a mais”

ANDREA MONDA

O texto da carta encíclica *Fratelli tutti*, a terceira do Papa Francisco, publicada a 4 de outubro, suscitou, como era previsível, uma série de reações diferentes, muito diversificadas. Há também uma notícia, que vem do além-mar, que não se pode definir “reação”, mas sobretudo sintoma de quanta necessidade existe hoje de redescobrir o próprio significado de fraternidade, até no seu sentido mais estrito e literal. Trata-se de uma campanha publicitária que neste período se mostra ao longo das ruas e nas paredes dos edifícios no Canadá e nos Estados Unidos, e que realça uma mentalidade, uma visão do mundo, marcada pelo fechamento gerado pelo medo da alteridade e pela falta de confiança, que o texto do Papa convida a superar com «um coração aberto ao mundo inteiro», como reza o título do capítulo quatro de *Fratelli tutti*. O tema abordado pela campanha promovida pela associação *OnePlanetOneChild* é precisamente o da fraternidade, visto em termos muito simples (de resto, é o objetivo da publicidade, impressionar com uma única mensagem). O cartaz em questão mostra um rosto, o de uma bonita criança negra com a boca e os grandes olhos bem abertos, e em baixo uma frase grande, clara e simples: «O maior dom de amor que podes dar ao teu primeiro filho é não teres outros». Não pode existir oposição mais forte do que esta: se o Papa diz «irmãos, “todos irmãos”», a associação “Um-Planeta-de-Filhos-Únicos» responde com “nenhum irmão”, porque dois já é demais. Caim venceu.

No número 19 da encíclica, o Papa afirma: «A falta de filhos, que provoca um envelhecimento da população, juntamente com o abandono dos idosos numa dolorosa solidão, exprimem implicitamente que tudo acaba connosco, que só contam os nossos interesses individuais», citando depois uma amarga reflexão pronunciada no discurso ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, a 13 de janeiro de 2014: «Objeto de descarte não são apenas os alimentos ou os bens supérfluos, mas muitas vezes os próprios seres humanos». Portanto, existem os “filhos descartados”, os que são diferentes e menos afortunados do que os “filhos programados”: outro cartaz da mesma associação mostra um casal alegremente sentado no chão, encostado à parede

### NESTE NÚMERO

*Pág. 2:* Mensagem de Francisco à plenária da pontifícia Academia das ciências; *pág. 3:* Audiência geral de quarta-feira; *pág. 4:* Intervenção do cardeal secretário de Estado Pietro Parolin sobre a liberdade religiosa; *pág. 5:* Mensagem aos participantes no encontro digital “Countdown”; *pág. 8:* Audiência à Moneyval; *pág. 9:* Mensagem do Papa à Comissão feminina do pontifício Conselho para a cultura; *pág. 10:* Em Assis foi beatificado Carlos Acutis; *pág. 11:* Informações; Credenciais do embaixador da Nicarágua; *pág. 12:* Angelus; Foi apresentado o logótipo da JMJ de Lisboa em 2023.

Menagem de Francisco à plenária da pontifícia Academia das ciências

# Soluções justas e inclusivas para sair da crise

Prioridade às necessidades dos pobres a uma conversão ecológica

*Soluções justas e inclusivas para sair da crise, causada pela pandemia da covid-19, foram desejadas pelo Papa Francisco numa mensagem enviada aos participantes na sessão plenária da pontifícia Academia das ciências, que teve lugar de 7 a 9 de outubro.*

AOS DISTINTOS MEMBROS  
DA PONTIFÍCIA ACADEMIA  
DAS CIÊNCIAS REUNIDOS  
EM SESSÃO PLENÁRIA

Apresento-vos as cordiais saudações e expresso a minha gratidão à Pontifícia Academia das Ciências por ter dedicado a Sessão Plenária deste ano à tarefa de colocar a pesquisa científica básica ao serviço da saúde do nosso planeta e dos seus habitantes, especialmente dos mais pobres e desfavorecidos. Saúdo igualmente os peritos e líderes convidados, todos com importantes responsabilidades internacionais, e aguardo com expectativa a sua contribuição.

Antes de mais, expresso o meu incentivo ao trabalho da Academia, ativamente promovido pelo seu Presidente, Professor Joachim von Braun, e pelo Conselho. Nestes dias, o meu interesse pelo vosso trabalho é ainda maior, dado que dedicastes a Sessão Plenária ao que é, justamente, um tema de profunda preocupação para toda a humanidade. Concentrais-vos sobre a noção de ciência ao serviço das pessoas para a sobrevivência da humanidade à luz da pandemia de Sars-Cov-2/Covid-19 e de outras questões globais. Com efeito, a pandemia trouxe à tona não só as nossas falsas certezas, mas também a incapacidade dos países do mundo inteiro de trabalhar em conjunto. Apesar de toda a nossa hiperconetividade, testemunhamos uma fragmentação que tornou mais difícil a resolução dos problemas que nos



Vincent Van Gogh, «Os pobres e o dinheiro» (1882)

atingem a todos (cf. *Fratelli tutti*, 7). Portanto, é significativo que esta Sessão Plenária virtual da Academia reúna muitas disciplinas científicas diferentes; neste sentido, oferece um exemplo do modo como deveriam ser enfrentados os desafios da crise da Covid-19, através de esforços coordenados ao serviço de toda a família humana. Os vossos esforços estão amplamente centrados no estudo de novas vias imunológicas e imunológicas para ativar os próprios mecanismos de defesa do organismo ou para impedir a proliferação de células infetadas. Estudais também outros tratamentos específicos, incluindo vacinas que agora são clinicamente testadas. Como sabemos, o vírus, que afeta a saúde das pessoas, atingiu também todo o tecido social, económico e espiritual da sociedade, paralisando as relações humanas, o

trabalho, a produção, o comércio e até muitas atividades espirituais. Tem um enorme impacto sobre a educação. Nalgumas partes do mundo, muitas crianças não podem voltar à escola e esta situação acarreta o risco de aumento do trabalho infantil, da exploração, do abuso e da subalimentação. Em síntese, a incapacidade de ver o rosto de uma pessoa e de considerar os outros como potenciais portadores do vírus é uma terrível metáfora de uma crise social global que deve preocupar quantos se interessam pelo futuro da humanidade. A este respeito, nenhum de nós pode deixar de se preocupar com o impacto da crise sobre os pobres do mundo. Para muitos deles, com efeito, é uma questão de sobrevivência. Além da contribuição das ciências, as necessidades dos membros mais pobres da nossa família humana exigem soluções justas dos governos e de quantos têm poder de decisão. Os sistemas de saúde, por exemplo, devem tornar-se muito mais inclusivos e acessíveis às pessoas desfavorecidas e àquelas que vivem em países de baixo rendimento. Se for dada preferência a alguém, então que seja ao mais necessitado e vulnerável entre nós. Da mesma forma, quando as vacinas estiverem disponíveis, deve ser garantido o acesso justo a elas, independentemente dos recursos, começando sempre pelos últimos. Os problemas globais que enfrentamos exigem respostas cooperativas e multilaterais. Organizações internacionais, como as Nações Unidas, a OMS, a FAO e outras, que foram criadas para promover a cooperação e a coordenação global, devem ser respeitadas e apoiadas para

poderem alcançar os seus objetivos em benefício do bem comum universal. O surto da pandemia, no contexto mais vasto do aquecimento global, da crise ecológica e da trágica perda de biodiversidade, é um apelo à nossa família humana para reconsiderar o seu curso, arrepende-se e empreender uma conversão ecológica (cf. *Laudato si'*, 216-221). Uma conversão que se inspire em todos os dons e talentos concedidos por Deus, a fim de promover uma “ecologia humana” merecedora da nossa dignidade inata e do nosso destino comum. Esta é a esperança que manifestei na minha recente Encíclica *Fratelli tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. «Como seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondesse também uma equidade e uma inclusão social cada vez maior! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor!» (n. 31). As reflexões da vossa Sessão Plenária sobre as ciências e a sobrevivência da humanidade levantam também a questão de cenários semelhantes que poderiam ter origem nos laboratórios mais avançados de física e biologia. Podemos manter a calma perante tais perspectivas? Por maior que seja a responsabilidade dos políticos, ela não isenta os cientistas de reconhecer as suas responsabilidades éticas no esforço de impedir não só a produção, posse e utilização de armas nucleares, mas também o desenvolvimento de armas biológicas, com o seu potencial para devastar civis inocentes e, na verdade, povos inteiros. Caros amigos, agradeço-vos mais uma vez a vossa pesquisa e esforços para enfrentar estas graves questões com espírito de cooperação e responsabilidade partilhada para o futuro das nossas sociedades. Nestes meses, o mundo inteiro dependeu de vós e dos vossos colegas para oferecer informações, inspirar esperança e, no caso de muitos profissionais da saúde, para cuidar dos doentes e de quantos sofrem, muitas vezes pondo em risco a própria vida. Renovando a minha gratidão e oferecendo os meus votos orantes pelas deliberações da vossa Sessão Plenária, invoco sobre vós, as vossas famílias e os vossos colegas as bênçãos divinas da sabedoria, força e paz. E peço-vos, por favor, que vos recordeis de mim nas vossas orações.

Roma, São João de Latrão,  
7 de outubro de 2020.

FRANCISCO

## Todos irmãos, até aqueles “a mais”

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

da casa, ainda com o traje da festa, e ao lado a escrita, em letras garrafaís, que reza: “We’re planning ONE!”, “Programamos UM”. O filho como produto de laboratório, segundo a lógica do “bom o primeiro!”, que é também o último.

Trata-se de duas visões do homem e da vida diametralmente opostas, a do produto e a do dom, e ambas giram em volta do tema, neste ponto escorregadio, do amor, levantando a questão sobre qual é o maior amor. Para os criativos da

publicidade, a mensagem a transmitir é que o maior amor se manifesta em termos negativos, em NÃO fazer algo, em não gerar (outra) criança, precisamente porque seria “outra” e, portanto, “a mais”. Para os cristãos a verdade é o oposto, o amor é positivo, efusivo, inclusivo e generativo, e existe uma ligação estreita com a vida, entendida não como “risco” a evitar, mas a correr, impelido pela força de um dom excedente a fazer circular: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13).

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano  
redazione.portoghese.or@spc.va  
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +390669899420  
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossroma

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora Santuário, Televendas: 08000160004 ou 00551231042000. E-mail: sac@editoriasantuariio.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

## CATEQUESE

O Pontífice prosseguiu as reflexões sobre a oração

## O clamor do homem encontra sempre a porta de Deus aberta

«Mesmo que todas as portas humanas estivessem trancadas, a porta de Deus estará sempre aberta», para acolher o grito de dor que, na vida do crente, pode assumir «mil formas» e tem «o nome de doença, ódio, guerra, perseguição, desconfiança», explicou o Papa Francisco na audiência geral de quarta-feira, 14 de outubro, na sala Paulo VI, no respeito pelas novas medidas de distanciamento destinadas a combater a pandemia, e todos os fiéis presentes usavam máscaras de proteção. Prosseguindo as catequeses sobre o tema da oração, o Papa insistiu particularmente sobre os salmos, definindo-os «a palavra de Deus que nós, humanos, usamos para falar com Ele».

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

À medida que lemos a Bíblia, deparamo-nos continuamente com orações de vários tipos. Mas também encontramos um livro composto apenas de preces, um livro que se tornou pátria, ginásio e casa de incontáveis orantes. Trata-se do Livro dos Salmos. São 150 Salmos para recitar.

Faz parte dos livros sapienciais, porque comunica o “saber rezar” através da experiência do diálogo com Deus. Nos salmos encontramos todos os sentimentos humanos: alegrias, tristezas, dúvidas, esperanças e amarguras que coloram a nossa vida. O Catecismo afirma que cada salmo «é de tal sobriedade que pode, com verdade, ser rezado pelos homens de qualquer condição e de todos os tempos» (CIC, n. 2588). Ao ler e releer os salmos, aprendemos a linguagem da oração. Efetivamente, com o seu Espírito, Deus Pai inspirou-os no coração do rei David e de outros orantes, para ensinar cada homem e cada mulher a louvá-lo, a dar-lhe graças, a suplicá-lo, a invocá-lo na alegria e na tristeza, a narrar as maravilhas das suas obras e da sua Lei. Em síntese, os salmos são a palavra de Deus que nós, humanos, usamos para falar com Ele.

Neste livro não encontramos pessoas etéreas nem abstratas, pessoas que confundem a oração com uma experiência estética ou alienante. Os salmos não são textos compostos de forma teórica, são invocações, muitas vezes dramáticas, que nascem da experiência viva da existência. Para os recitar basta ser quem somos. Não nos devemos esquecer que para rezar bem devemos orar assim como somos, sem nos maquilharmos. Não é preciso maquilhar a alma para rezar. “Senhor, sou assim”, ir diante do Senhor como somos, com as coisas boas e também com as más que ninguém conhece, mas nós, dentro, conhecemos. Nos salmos ouvimos as vozes de orantes de carne e osso, cuja vida, como a de todos, está repleta de problemas, dificuldades

e incertezas. O salmista não contesta radicalmente este sofrimento: ele sabe que pertence à vida. Contudo, nos salmos o sofrimento transforma-se em *interrogação*. Do sofrer ao perguntar.

E entre as muitas perguntas, há uma que permanece suspensa, como um brado incessante que percorre todo o livro de um lado ao outro. Uma pergunta, que repetimos muitas vezes: “*Até quando, Senhor? Até quando?*”. Cada dor pede libertação, cada lágrima invoca consolação, cada ferida aguarda a cura, cada calúnia, uma sentença de absolvição. “*Até quando Senhor tenho que sofrer isto? Ouve-me Senhor!*”: quantas vezes rezamos assim com este “*até quando?*”, Senhor, chega!

Ao fazer constantemente tais perguntas, os salmos ensinam-nos a não nos habituarmos à dor e lembrarmos que a vida não se salva, se não for curada. A existência do homem é um sopro, a sua história é fugaz, mas o orante sabe que é precioso aos olhos de Deus, e por isso *tem sentido bradar*. Isto é importante. Quando rezamos, fazemo-lo porque sabemos que somos preciosos aos olhos de Deus. É a graça do Espírito Santo que de dentro suscita em nós esta consciência: de ser preciosos aos olhos de Deus. E por isso somos induzidos a rezar.

A oração dos salmos é o testemunho deste grito: um brado múltiplo, porque na vida a dor assume mil formas, e tem o nome de doença, ódio, guerra, perseguição, desconfiança... Até ao supremo “escândalo”, o da morte. A morte aparece no Saltério como o inimigo mais irracional do homem: que crime merece um castigo tão cruel, que envolve a aniquilação e o fim? O orante dos salmos pede a Deus que intervenha onde todos os esforços humanos são vão. É por isso que a oração, já em si mesma, é o caminho da salvação, o início da salvação.

Neste mundo todos sofrem: quer acreditemos em Deus quer o rejei-



temos. Mas no Saltério, a dor torna-se *relação*, relação: um grito de ajuda à espera de encontrar um ouvido que ouça. Não pode permanecer sem sentido, sem propósito. Até as dores que sofremos não podem ser apenas casos específicos de uma lei universal: são sempre as “*minhas*” lágrimas. Pensai nisto: as lágrimas não são universais, são as “*minhas*” lágrimas. Cada um tem as próprias. As “*minhas*” lágrimas e a “*minha*” dor impelem-me a continuar com a oração. Sou as “*minhas*” lágrimas que jamais ninguém derramou antes de mim. Sim, muitos choraram, muitos. Mas as “*minhas*” lágrimas são as minhas, o “*meu*” sofrimento é meu, a minha dor é minha.

Antes de entrar na Sala, encontrei-me com os pais daquele sacerdote da diocese de Como que foi assassinado; ele foi morto no seu serviço para ajudar. As lágrimas daqueles pais são “*deles*” e cada um deles sabe quanto sofreu ao ver este filho que deu a sua vida ao serviço dos pobres. Quando queremos consolar alguém, não encontramos as palavras. Porquê? Porque não podemos chegar à sua dor, porque a “*sua*” dor é sua, as “*suas*” lágrimas são suas. O mesmo acontece conosco: as lágrimas, “*a minha*” dor é minha, as lágrimas são “*minhas*” e com estas lágrimas, com este sofrimento, dirijo-me ao Senhor.

Para Deus, todas as dores dos homens são sagradas. Assim reza o orante do salmo 56-55: «*Vós conheceis os caminhos do meu exílio, vós recolhestes as minhas lágrimas no vosso cantil; não está tudo escrito no vosso livro?*» (v. 9). Diante de Deus não somos desconhecidos, nem números. Somos rostos e corações, conhecidos um por um, pelo nome.

Nos salmos, o crente encontra uma resposta. Ele sabe que mesmo se todas as portas humanas estiverem trancadas, a porta de Deus está aberta. Mesmo se o mundo inteiro emitisse um veredito de condenação, em Deus há salvação.

“O Senhor ouve”: às vezes na oração é suficiente saber isto. Os problemas nem sempre se resolvem. Quem reza não é um iludido: sabe que muitas questões da vida terrena permanecem sem solução, sem saída; o sofrimento acompanhar-nos-á e, após uma batalha, haverá outras que nos esperam. Mas se formos ouvidos, tudo se torna mais suportável.

A pior coisa que pode acontecer é sofrer no abandono, sem ser recordado. É disto que a oração nos salva. Pois pode acontecer, e até frequentemente, que não compreendamos os designios de Deus. Mas os nossos gritos não estagnam aqui na terra: elevam-se até Ele, que tem o coração de Pai e chora por cada filho e filha que sofre e morre. Digo-vos uma coisa: faz-me bem, nos maus momentos, pensar no pranto de Jesus, quando chorou olhando para Jerusalém, quando chorou diante do túmulo de Lázaro. Deus chorou por mim, Deus chora, chora pelas nossas dores. Porque Deus quis fazer-se homem, dizia um escritor espiritual, para poder chorar. Pensar que Jesus chora comigo na dor é uma consolação: ajuda-nos a seguir em frente. Se nos mantivermos numa relação com Ele, a vida não nos poupa os sofrimentos, mas abre-se a um grande horizonte de bem e encaminha-se para a sua realização. Coragem, em frente com a oração. Jesus está sempre ao nosso lado.

*No final da audiência, o Santo Padre saudou os vários grupos presentes, proferindo entre outras as seguintes expressões.*

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa. Amanhã celebramos a festa de Santa Teresa de Jesus: Mestre da vida espiritual, ensinava que a oração “outra coisa não é senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama”. Aprendei a crescer sempre mais nesta relação de amizade, usando as palavras do Livro dos Salmos. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

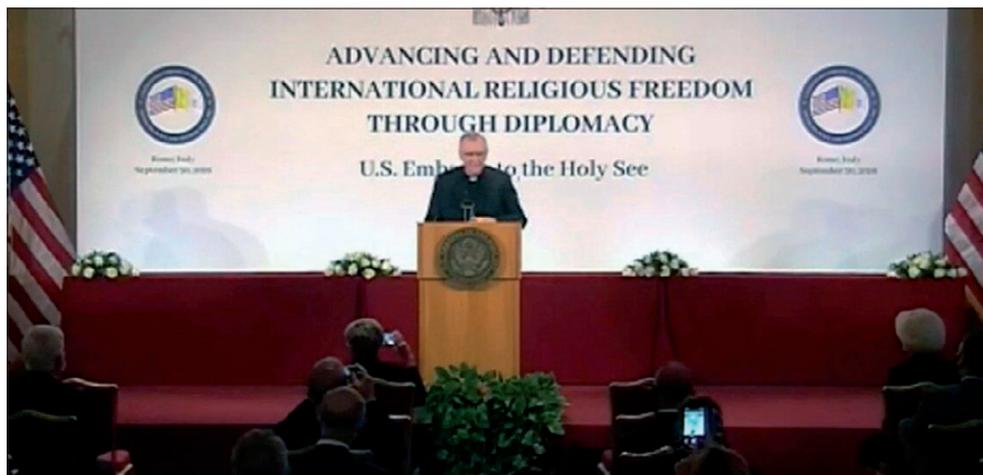
O cardeal secretário de Estado Pietro Parolin tomou a palavra durante o Simpósio sobre o tema «Promover e defender a liberdade religiosa a nível internacional através da diplomacia», que teve lugar a 30 de setembro, na sede da embaixada dos Estados Unidos da América junto da Santa Sé. Publicamos em seguida as observações conclusivas do purpurado.

Excelências, Senhoras e Senhores!

Gostaria de agradecer à Embaixadora Callista Gingrich e aos funcionários da Embaixada dos Estados Unidos da América junto da Santa Sé a organização deste importante simpósio de um dia, durante o qual refletimos sobre o tema «Promover e defender a liberdade religiosa internacional através da diplomacia». Estou grato pelo convite a oferecer alguns pontos de reflexão na conclusão.

Caros amigos, a tutela e a promoção da liberdade religiosa é um traço característico da atividade diplomática da Santa Sé. Este direito humano fundamental, juntamente com o direito inviolável à vida, constitui o fundamento sólido e indispensável de muitos outros direitos humanos. A violação desta liberdade compromete a fruição de todos os direitos e ameaça a dignidade da pessoa humana. Com efeito, em reconhecimento da centralidade deste direito fundamental, a liberdade religiosa é sancionada pela legislação constitucional de muitas nações e é mencionada numa vasta gama de convenções internacionais, incluindo a Declaração Universal dos Direitos do Homem. O Concílio Vaticano II dedicou um documento inteiro à liberdade religiosa, espelhando a crescente consciência e importância de respeitar esta liberdade fundamental. Na *Dignitatis humanae* lemos que esta liberdade significa que «todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado a outros, dentro dos devidos limites» (n. 2).

No centro do exercício da liberdade de professar e praticar uma determinada religião, ou não seguir nenhuma, se assim for escolhido, está o exercício da liberdade de consciência, o lugar interior sagrado da natureza transcendente do homem, onde «o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e à fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração [...] O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus [...] A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser» (Concílio Vaticano II, *Gaudium*



## Negar a liberdade religiosa significa negar a natureza humana

Intervenção do cardeal secretário de Estado Pietro Parolin

*et spes*, 16). A Igreja defendeu sempre a necessidade de respeitar o fórum interior da própria consciência, não só devido à sua ligação intrínseca à liberdade de religião, mas também porque é o lugar sagrado íntimo da pessoa humana. Infelizmente, assistimos a um número crescente de exemplos em que esta liberdade é violada, até pela força, pelo direito civil, o que na realidade equivale a um ataque à dignidade da pessoa humana.

Gostaria de sugerir que, pelo menos em parte, algumas das dificuldades que experimentamos no que diz respeito à violação da liberdade religiosa a nível global, derivam de uma incompreensão fundamental do significado de *liberdade humana*. Os ataques à liberdade religiosa são frequentemente motivados pelo medo e pela ideologia: por regimes totalitários que utilizam o poder para impor restrições draconianas, como se observa, por exemplo, em países onde a prática de certas tradições religiosas é proibida e as “minorias” são ativamente perseguidas, mas também por vozes intolerantes do “politicamente correto”, que “silenciam” e condenam as crenças, tradições e práticas religiosas que contrastam a sua ideologia progressista, rotulando-as como “odiosas” e “intolerantes”. É tempo de meditar mais profundamente sobre as raízes da “intolerância” em tais situações e, em particular, sobre a redução do espaço público de diálogo para e com quantos praticam abertamente a própria fé. Com efeito, o nível de respeito pela liberdade religiosa na esfera pública é um claro indicador da saúde de cada sociedade; por conseguinte, é também um “teste decisivo” para o nível de respeito que existe também por todos os outros direitos humanos fundamentais.

Não é nova a minha sugestão de que a liberdade religiosa está em crise, porque está em crise também a nossa compreensão da verdade acerca da pessoa humana e da sua antropologia. Os Padres do Concílio Vaticano II observaram que «os homens

de hoje se tornam cada vez mais conscientes da dignidade da pessoa humana e, cada vez em maior número, reivindicam a capacidade de agir segundo a própria convicção e com liberdade responsável» (*Dignitatis humanae*, 1). «Assim, o sentido mais agudo da dignidade e da unicidade da pessoa humana, bem como do respeito devido ao caminho da consciência, constitui certamente uma conquista positiva da cultura moderna. Esta percepção, em si mesma autêntica, encontrou múltiplas expressões, mais ou menos adequadas, algumas das quais, porém, se afastam da verdade do homem enquanto criatura e imagem de Deus, e requerem, portanto, ser corrigidas ou purificadas à luz da fé» (Papa João Paulo II, *Veritatis splendor*, 31). Infelizmente, a nossa crescente consciência e afirmação da dignidade da pessoa humana nem sempre foi acompanhada de uma autêntica compreensão do dever moral e da responsabilidade decorrente do exercício da liberdade humana. Esta divergência entre dignidade e responsabilidade inerente à liberdade tem um impacto prejudicial sobre o conceito de liberdade religiosa e a sua fruição na sociedade moderna.

Este aspeto foi magistralmente elaborado na reflexão aguda e profunda do Papa São João Paulo II, na Carta Encíclica *Veritatis splendor*, “esplendor da verdade” onde, entre outras coisas, realça a necessidade de uma correta compreensão da natureza humana, especialmente da sua dimensão transcendente, enraizada no poder do intelecto e da vontade, exercida através do uso responsável da liberdade em conjunto com a verdade sobre o bem. Embora atualmente existam várias tendências que minam a perspetiva correta da liberdade humana, São João Paulo II destaca duas principais. A primeira poderia ser definida como “subjetivismo radical” ou exaltação da “liberdade individual como um absoluto”.

Ele explica-o da seguinte forma: «Nalgumas correntes do pensamento

moderno, chegou-se a exaltar a liberdade a ponto de se tornar um absoluto, que seria a fonte dos valores. Nesta direção movem-se as doutrinas que perderam o sentido da transcendência ou as que são explicitamente ateias. Atribuíram-se à consciência individual as prerrogativas de instância suprema do juízo moral, que decide categórica e infalivelmente o bem e o mal. A afirmação do dever de seguir a própria consciência foi indevidamente acrescentada a qualquer outra, de que o juízo moral é verdadeiro pelo próprio facto de provir da consciência. Deste modo, porém, a imprescindível exigência de verdade desapareceu em prol de um critério de sinceridade, de autenticidade, de “acordo consigo próprio”, a ponto de se ter chegado a uma conceção radicalmente subjetivista do juízo moral» (*Veritatis splendor*, 32). Nas sociedades contemporâneas, especialmente no Ocidente, existe uma forte tendência a exagerar a liberdade pessoal, para a separar deliberadamente da busca do bem ou, pior ainda, para a tornar o *único* bem. Como resultado, o homem fecha-se em si mesmo, tornando-se autorreferencial e o que é *bem* torna-se totalmente subjetivo. Daqui a que o homem se torne uma ilha o passo é breve, exercendo a sua liberdade, até longe da justa razão. O “bem máximo” torna-se agora a eliminação de qualquer obstáculo à “autonomia radical”, tal como a lei moral natural ou divina. Também os outros direitos humanos fundamentais devem ser abolidos, de modo a não impedir o desejo da própria escolha.

Com efeito, outro equívoco moderno demasiado comum que interfere com uma conceção correta da liberdade humana é a negação da verdade moral objetiva, convenientemente substituída pelo sentimento ou pela sensação pessoal do indivíduo sobre o bem moral.

O santo polaco continua: «Perdida a ideia de uma verdade universal sobre o bem, cognoscível pela razão

Numa mensagem de vídeo o Papa definiu insustentável o atual sistema económico e realçou o dever moral de o reconsiderar

## Cuidar da terra é um direito

*Por ocasião do encontro digital "Countdown" sobre as alterações climáticas – promovido globalmente por Ted, organização nascida há 25 anos na Califórnia – o Papa Francisco enviou aos participantes uma mensagem de vídeo que foi transmitida por volta das 22h15, hora de Roma, no sábado, 10 de outubro. Publicamos a seguir o texto, no qual o Pontífice sugere algumas soluções imediatas em resposta à crise ambiental.*

Bom dia! Estamos a viver um momento histórico marcado por desafios difíceis. O mundo está abalado devido à crise causada pela pandemia de Covid-19, o que evidencia ainda mais outro desafio global: a crise socioambiental.

Isto coloca-nos, *todos*, diante da necessidade de uma escolha.

A escolha entre o que é importante e o que não é. A escolha entre continuar a ignorar o sofrimento dos mais pobres e a maltratar a nossa casa comum, a Terra, ou comprometer-nos a todos os níveis a fim de transformar o nosso modo de agir.

A ciência diz-nos, cada dia com mais exatidão, que precisamos de agir urgentemente – e não estou a exagerar, é isto que a ciência nos diz – se quisermos ter alguma esperança de evitar mudanças climáticas radicais e catastróficas. Por isso temos que agir com urgência. Este é um facto científico.

A nossa consciência diz-nos que não podemos ficar indiferentes ao sofrimento dos mais pobres, às crescentes desigualdades económicas e às injustiças sociais. E a própria economia não pode ser limitada à produção e distribuição. Deve necessariamente considerar o seu impacto sobre o meio ambiente e a dignidade da pessoa. Poderíamos dizer que a economia deve ser *criativa* em si mesma, nos seus métodos, no modo como atua. Criatividade.

Gostaria de vos convidar a emprender juntos uma *viagem*. Uma *viagem de transformação* e de *ação*. Feita não só de palavras, mas sobretudo de ações concretas e inadiáveis.

Chamo-lhe “viagem”, porque requer um “deslocamento”, uma mudança! Desta crise, nenhum de nós deve sair igual – não podemos sair iguais: de uma crise, nunca saímos iguais – e será preciso tempo e esforço para sair dela. Será necessário ir passo a passo, para ajudar os débeis, persuadir os duvidosos, imaginar novas soluções e comprometer-nos a dar-lhe continuidade.

Mas o objetivo é claro: construir, na próxima década, um mundo onde possamos responder às necessidades das gerações presentes, incluindo todos, sem comprometer as possibilidades das gerações futuras.

Gostaria de convidar todas as pessoas de fé, cristãs ou não, e todas as pessoas de boa vontade, a emprender esta viagem, [começando] pela sua fé ou, se não tiver fé, pela sua vontade, pela própria boa vontade. Cada uma e cada um de nós, como indivíduos e membros de grupos – famílias, comunidades de fé, empresas, associações, instituições – pode dar um contributo significativo.

Há cinco anos escrevi a Carta encíclica *Laudato si'*, dedicada ao cuidado da nossa casa comum. Propõe o conceito de “ecologia integral”, para responder em conjunto ao clamor da terra mas também ao brado dos pobres. A ecologia integral é um convite a uma visão integral da vida, partindo da convicção de que tudo no mundo está interligado e que, como a pandemia nos recordou, somos interdependentes uns dos outros, e também dependentes da nossa mãe terra. Desta visão deriva a necessidade de procurar outras formas de compreender o progresso e de o medir, sem nos limitarmos apenas às dimensões económica, tecnológica, financeira e do produto bruto, mas dando importância central às dimensões ético-social e educativa.

Gostaria de propor hoje três linhas de ação.

Como escrevi na *Laudato si'*, a mudança e a orientação correta para a *viagem* da ecologia integral exigem, antes de mais, um passo pedagógico (cf. n. 202). Portanto, a primeira



proposta é promover, a todos os níveis, uma *educação para o cuidado da casa comum*, desenvolvendo a compreensão de que os problemas ambientais estão ligados às necessidades humanas – temos de compreender isto desde o início: os problemas ambientais estão ligados às necessidades humanas –; uma *educação baseada em dados científicos e uma abordagem ética*. Isto é importante: ambos. Anima-me o facto de muitos jovens já terem uma nova sensibilidade ecológica e social, e alguns deles estão a lutar generosamente pela defesa ambiental e pela justiça.

Como segunda proposta, é preciso dar *ênfase à água e à alimentação*. O acesso à água potável e segura é um direito humano essencial e universal. É imprescindível porque determina a sobrevivência das pessoas e é, portanto, uma condição para o exercício de todos os outros direitos e responsabilidades. Assegurar uma nutrição adequada a todos através de métodos agrícolas não destrutivos deverá então tornar-se o objetivo fundamental de todo o ciclo de produção e distribuição de alimentos.

A terceira proposta é a *transição energética*: uma substituição progressiva, mas sem hesitações, dos combustíveis fósseis por fontes de energia limpa. Temos apenas alguns anos, os cientistas calculam aproximadamente menos de trinta – temos poucos anos, menos de trinta – para reduzir drasticamente as emissões de gases com efeito de estufa na atmosfera. Esta transição não só deve ser rápida e capaz de satisfazer as necessidades energéticas presentes e futuras, mas também estar atenta aos impactos sobre os pobres, as populações locais e os que trabalham na produção de energia.

Um modo de fomentar esta mudança é conduzir as empresas para a necessidade inevitável de se comprometerem no cuidado integral da casa comum, excluindo do investimento as empresas que não cumprem os parâmetros da ecologia integral e recompensando aquelas que fazem esforços concretos nesta fase de transição para colocar no centro das suas atividades parâmetros como a sustentabilidade, a justiça social e a

promoção do bem comum. Muitas organizações católicas e de outras crenças já assumiram a responsabilidade de trabalhar neste sentido. De facto, a terra deve ser trabalhada e cuidada, cultivada e protegida; não podemos continuar a espreme-la como uma laranja. E podemos dizer que isto, cuidar da terra, é um direito humano.

Estas três propostas devem ser entendidas como parte de um vasto conjunto de ações que devemos levar por diante de forma integrada, a fim de alcançar uma solução duradoura para os problemas.

O atual sistema económico é insustentável. Estamos perante o imperativo moral, e a urgência prática, de reconsiderar muitas coisas: como produzimos, como consumimos, pensando na nossa cultura do desperdício, a visão a curto prazo, a exploração dos pobres, a indiferença para com eles, o aumento das desigualdades e a dependência de fontes de energia nocivas. Todos estes são desafios.

Temos de pensar nisto. A ecologia integral sugere uma nova compreensão da relação entre nós e a natureza.

Isto conduz a uma nova economia, na qual a produção de riqueza é dirigida para o bem-estar integral do ser humano e para a melhoria – não a destruição – da nossa casa comum. Significa também uma política renovada, concebida como uma das mais altas formas de caridade. Sim, o amor é interpessoal, mas o amor também é político. Envolve todos os povos e a natureza.

Portanto, convido-vos todas e todos a emprender esta viagem. Foi isto que propus na *Laudato si'*, e também na nova Encíclica *Fratelli tutti*. Como sugere o termo “*Countdown*”, temos de agir com urgência. Cada um de nós pode desempenhar um papel valioso se nos pusermos todos a caminho hoje. Não amanhã, mas hoje. Porque o futuro é construído hoje, e não o construímos sozinho, mas em comunidade e em harmonia.

Obrigado!



## Francisco relançou o "Global Compact on Education"

Numa mensagem de vídeo o Papa denunciou a desigualdade das oportunidades escolares agravadas pela pandemia

# Um pacto global contra a catástrofe educativa

E propôs alguns pontos de compromisso concreto para um "novo modelo cultural"

Publicamos o texto da mensagem de vídeo — transmitida na tarde de 15 de outubro durante um encontro em streaming organizado pela Congregação para a Educação Católica na Pontifícia Universidade Lateranense — que o Papa Francisco enviou aos participantes no Global Compact on Education. Já passou mais de um ano desde que, em setembro de 2019, o Pontífice propôs um Pacto Global sobre a Educação anunciando um encontro que deveria ter tido lugar a 14 de maio de 2020, mas que foi adiado devido à pandemia.

Queridos irmãos e irmãs!

Quando vos convidei para iniciar este caminho de preparação, participação e lançamento dum pacto educativo global, nunca me passou pela cabeça a situação em que havia de desenrolar-se; a Covid acelerou e amplificou muitas das urgências e emergências que sentíamos, e revelou outras. As dificuldades sanitárias, seguiram-se as económicas e sociais. Os sistemas educativos do mundo inteiro sofreram com a pandemia, tanto a nível escolar como académico.

Procurou-se por todo o lado implementar uma resposta rápida através de plataformas educativas informáticas, que evidenciaram não só uma acentuada disparidade de oportunidades educacionais e tecnológicas, mas também o facto de muitas crianças e adolescentes, devido ao confinamento e outras ca-

Parante realidade tão dramática, sabemos que as inevitáveis medidas sanitárias se revelaram insuficientes, se não forem acompanhadas por um novo modelo cultural. Esta situação fez crescer a consciência de que se deve imprimir uma viragem ao modelo de desenvolvimento. Para que respeite e defenda a dignidade da pessoa humana, tal modelo deverá partir das oportunidades que a interdependência mundial oferece à comunidade e aos povos, cuidando da nossa casa comum e tutelando a paz. A crise que atravessamos é uma crise geral, que não se pode reduzir nem limitar apenas a uma única área ou setor. É geral. A Covid tomou possível reconhecer, de forma global, que aquilo que está em crise é a nossa forma de compreender a realidade e de nos relacionarmos entre nós.

pação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum. Se hoje deixássemos os espaços educativos continuarem a reger-se pela lógica da substituição e repetição, incapazes de gerar e mostrar novos horizontes, onde a hospitalidade, a solidariedade intergeracional e o valor da transcendência fundamentam uma nova cultura, não estaríamos porventura a falhar o encontro com a História?

Temos consciência também de que um caminho de vida necessita da esperança fundada na solidariedade e que toda a mudança requer um percurso educativo para construir novos paradigmas capazes de responder aos desafios e emergências do mundo atual, de compreender e encontrar as soluções para as exigências de cada geração e de fazer florir a humanidade de hoje e de amanhã.

Pensamos que a educação seja um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. A educação é sobretudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração.

Por conseguinte, a educação apresenta-se como o antídoto natural à cultura individualista, que às vezes degenera num verdadeiro culto do «ego» e no primado da indiferença. O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades de pensamento e imaginação, de escuta, diálogo e compreensão mútua. O nosso futuro não pode ser este!

Hoje temos necessidade de uma renovada estação de empenhamento educativo, que envolva todos os componentes da sociedade. Escutemos o grito das novas gerações, que destaca a exigência e, ao mesmo tempo, a oportunidade estimulante de um caminho educativo renovado, que não volte o olhar para o outro lado, favorecendo graves injustiças sociais, violações dos direitos, pobreza profundas e descartes humanos.

Trata-se de um percurso integral, no qual se enfrentem as situações de solidão e desconfiança quanto ao futuro que geram entre os jovens depressão, toxicodependências, agressividade, ódio verbal, fenómenos de bullying. Um caminho partilhado, no qual não se fique indiferente ao flagelo das violências e abusos contra os menores, aos fenómenos das meninas-noivas e das crianças-soldado, ao drama dos menores vendidos e escravizados. A isto vem juntar-se a amargura

pelos «sofrimentos» do nosso planeta, causados por uma exploração sem cabeça nem coração, que gerou uma grave crise ambiental e climática.

Na história, há momentos em que é preciso tomar decisões basilares que imprimam marcas na nossa forma de viver e principalmente uma posição correta face aos possíveis cenários futuros. Na situação atual de crise sanitária — repleta de desânimo e perplexidade — pensamos que este seja o momento de aderir a um pacto educativo global para e com as gerações jovens, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira na formação de pessoas maduras.

Hoje é-nos pedida a audácia necessária para ultrapassar visões extrínsecas aos processos educativos, superar as excessivas simplificações circunscritas à utilidade, ao resultado (padronizado), à funcionalidade e à burocracia, que confundem educação com instrução e acabam por fragmentar as nossas culturas; em vez disso, somos solicitados a procurar uma cultura integral, participativa e polidécida. Precisamos de ter a coragem de gerar processos que assumam, conscientemente, a fragmentação existente e os contrastes que efetivamente carregamos conosco; a coragem de recriar o tecido de relações em prol de uma humanidade capaz de falar a linguagem da fraternidade. O valor das nossas práticas educativas não será medido simplesmente pela superação de testes padronizados, mas pela capacidade de incidir no coração de uma sociedade e fazer nascer uma nova cultura. Um mundo diferente é possível e pede que aprendamos a construí-lo, e isto envolve toda a nossa humanidade, tanto a nível pessoal como comunitário.

Apelamos, em todas as partes do mundo, de maneira particular aos homens e mulheres da cultura, da ciência e do desporto, aos artistas, aos operadores dos meios de comunicação social, para que adiram — também eles — a este pacto e, com o seu testemunho e trabalho, façam-se promotores dos valores de desvelo, paz, justiça, bondade, beleza, acolhimento do outro e fraternidade.

«Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam; seria infantil. Gozamos de um espaço de coresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejamos parte ativa na reabilitação e apoio das socieda-



des feridas. Hoje temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos, de ser outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos» (Enc. *Fratelli tutti*, 77). Um processo plural e polidécido capaz de nos envolver a todos em respostas significativas, onde as diferenças e as abordagens saibam harmonizar-se na busca do bem comum. Capacidade de criar harmonia: é disto que precisamos hoje.

Por estes motivos, comprometemo-nos, pessoal e conjuntamente, a...

- Primeiro: colocar no centro de cada processo educativo — formal e informal — a pessoa, o seu valor, a sua dignidade para fazer emergir a sua especificidade, a sua beleza, a sua singularidade e, ao mesmo tempo, a sua capacidade de estar em relação com os outros e com a realidade que a rodeia, rejeitando os estilos de vida que favorecem a difusão da cultura do descartar;
- Segundo: ouvir a voz das crianças, adolescentes e jovens a quem transmitimos valores e conhecimentos, para construir juntos um futuro de justiça e paz, uma vida digna para toda a pessoa;
- Terceiro: favorecer a plena participação das meninas e jovens na instrução;
- Quarto: ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador;
- Quinto: educar e educarmos para o acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados;
- Sexto: empenhar-nos no estudo para encontrar outras formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, para que estejam verdadeiramente ao serviço do homem e da família humana inteira na perspetiva de uma ecologia integral;
- Sétimo: guardar e cultivar a nossa casa comum, protegendo-a

da exploração dos seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando na utilização exclusiva de energias renováveis e respeitadoras do ambiente humano e natural, segundo os princípios de subsidiariedade e solidariedade e da economia circular.

Por fim, queridos irmãos e irmãs, queremos empenhar-nos corajosamente a dar vida, nos nossos países de origem, a um projeto educativo, investindo as nossas melhores energias e também iniciando processos criativos e transformadores em colaboração com a sociedade civil. Neste processo, um ponto de referimento é a doutrina social que, inspirada nos ensinamentos da Revelação e no humanismo cristão, proporcione uma base sólida e uma fonte viva para encontrar os caminhos a percorrer na situação atual de emergência.

Tal investimento formativo, baseado numa rede de relações humanas e abertas, deverá garantir a todos o acesso a uma educação de qualidade, à altura da dignidade da pessoa humana e da sua vocação à fraternidade. É tempo de olhar em frente com coragem e esperança. Que, para isso, nos sustente a convicção de que habita na educação a semente da esperança: uma esperança de paz e justiça; uma esperança de beleza, de bondade; uma esperança de harmonia social!

Lembre-mos, irmãos e irmãs, de que as grandes transformações não se constroem à escriturinha. Há uma «arquitetura» da paz em que intervêm as várias instituições e pessoas de uma sociedade, cada qual segundo a sua competência, mas sem excluir ninguém (cf. *Ibid.*, 23). Por isso, devemos ir para diante: todos juntos, cada um como é, mas sempre olhando juntos para a frente, para a construção de uma civilização da harmonia, da unidade, onde não haja lugar para esta pandemia ruim da cultura do descartar. Obrigado!

No Dia da alimentação a denúncia do Pontífice

# A fome é tragédia e vergonha para a humanidade

Instituir um fundo mundial para o desenvolvimento

«Para a humanidade, a fome não é apenas uma tragédia, mas também uma vergonha». A denúncia do Papa Francisco ressoou através da mensagem de vídeo mediante a qual interviu na cerimónia realizada a 16 de outubro em Roma, na sede da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), por ocasião do Dia mundial da alimentação. A seguir, as palavras do Pontífice.

A Sua Excelência  
o Senhor QU DONGYU  
Diretor-Geral da FAO

No dia em que a FAO celebra o 75º aniversário da sua criação, desejo saudá-lo, bem como todos os membros que a compõem. A sua missão é nobre e importante, porque trabalhais com o objetivo de debelar a fome, a insegurança alimentar e a subalimentação.

É significativo o tema proposto este ano para o Dia Mundial da Alimentação: «Cultivar, nutrir, preservar», e isto «Juntos. As nossas ações são o nosso futuro». Este tema realça a necessidade de agir em conjunto e com a firme vontade de gerar iniciativas que melhorem o ambiente à nossa volta e promovam a esperança de muitas pessoas e povos.

Nos últimos 75 anos, a FAO aprendeu que não é suficiente produzir alimentos, mas que é também importante assegurar que os sistemas alimentares sejam sustentáveis e ofereçam dietas saudáveis e acessíveis a todos. Trata-se de adotar soluções inovadoras que possam transformar o nosso modo de produzir e consumir alimentos, para o bem-estar das nossas comunidades e do nosso planeta, reforçando assim a capacidade de recuperação e a sustentabilidade a longo prazo.

Portanto, neste período de grande dificuldade, causada pela pandemia de Covid-19, é ainda mais importante apoiar as iniciativas tomadas por organizações como a FAO, o Programa Alimentar Mundial (PAM) e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (IFAD) para promover uma agricultura sustentável e diversificada, ajudar as pequenas comunidades agrícolas e cooperar para o desenvolvimento rural dos países mais pobres.

Estamos conscientes de que é preciso enfrentar este desafio numa época repleta de contradições: por um lado, somos testemunhas de um progresso sem precedentes nos vários campos da ciência; por outro, o mundo enfrenta múltiplas crises humanitárias. Infelizmente, constatamos que, de acordo com as estatísticas mais recentes da FAO, apesar dos esforços envidados nas últimas décadas, aumenta o número de pessoas que lutam contra a fome e a insegurança alimentar, e a atual pandemia incrementará ainda mais estes números.

Para a humanidade, a fome não é apenas uma tragédia, mas também uma vergonha. É causada em grande medida por uma distribuição desigual dos frutos da terra, ao que se acrescentam a falta de investimentos na agricultura, as consequências das mudanças climáticas e o aumento dos conflitos em várias regiões do planeta. Além disso, descartam-se toneladas de alimentos. Diante desta realidade, não podemos permanecer insensíveis nem paralisados. Todos nós somos responsáveis!

A crise atual mostra-nos que precisamos de políticas e ações concretas para erradicar a fome no mundo. As vezes os debates dialéticos ou ideológicos afastam-nos da realização desse objetivo e permitimos que os nossos irmãos e irmãs continuem a morrer por falta de alimentos. Uma decisão corajosa seria a constituição de um «Fundo mundial» com o dinheiro que se gasta em armas e outras despesas militares, para poder eliminar a fome e contribuir para o desenvolvimento dos países mais pobres. Deste modo evitar-se-iam tantas guerras e a emigração de muitos dos nossos irmãos e das respetivas famílias, que são obrigados a abandonar a própria casa e país, em busca de uma vida mais digna (cf. *Fratelli tutti*, nn. 189 e 262).

Senhor Diretor-Geral, enquanto manifesto os meus votos de que a atividade da FAO seja cada vez mais incisiva e fecunda, invoco a Bênção de Deus sobre Vossa Excelência e sobre quantos cooperam para esta missão fundamental de cultivar a terra, alimentar os famintos e salvaguardar os recursos naturais, a fim de que todos nós possamos viver com dignidade, respeito e amor. Obrigado!



rências anteriores, terem sofrido atrasos no processo normal de desenvolvimento pedagógico. Segundo alguns dados recentes de agências internacionais, fala-se de «catástrofe educativa» — é talvez forte a expressão, mas fala-se de «catástrofe educativa» — pois cerca de dez milhões de crianças poderiam ser obrigadas a abandonar a escola por causa da crise económica gerada pelo coronavírus, agravando uma disparidade educativa já alarmante (com mais de 250 milhões de crianças, em idade escolar, excluídas de toda e qualquer atividade formativa).

Neste contexto, vemos que não bastam receitas simplistas nem vãos otimismo. Conheçamos o poder transformador da educação: educar é apostar e infundir no presente a esperança que rompe os determinismos e fatalismos com que muitas vezes o egoísmo do forte, o conformismo do vulnerável e a ideologia do utopista se querem impor como único caminho possível (cf. M. de Certeau, *Lo straniero l'Unione nella differenza*, Vita e Pensiero, Milão 2010, 30).

Educar é sempre um ato de esperança que convida à compartici-



Na audiência à Moneyval novo apelo do Papa a destinar ao desenvolvimento o que é gasto em armas

## Não à idolatria do dinheiro e à ditadura da economia

*Um novo apelo a destinar ao desenvolvimento dos países o que é gasto em armas e a reagir contra a idolatria do dinheiro e a ditadura da economia, no discurso que o Papa dirigiu à Comissão de Peritos do Conselho da Europa (Moneyval), recebidos em audiência na Biblioteca particular na manhã de 8 de outubro.*

Prezados irmãos e irmãs, dou-vos as boas-vindas por ocasião da vossa visita, como peritos do Conselho da Europa para a avaliação das medidas contra a lavagem de capitais e o financiamento do terrorismo. Agradeço ao Presidente da Autoridade de Informação Financeira as suas amáveis palavras.

O trabalho que desempenhais em relação a este duplo objetivo interessa-me de modo particular. Ele está intimamente relacionado com a proteção da vida, a coexistência pacífica da humanidade na terra e as finanças que não oprimam os mais fracos e os mais necessitados: tudo está interligado. Como escrevi na minha Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, acho que é necessário repensar a nossa relação com o dinheiro (cf. n. 55). Com efeito, em certos casos, parece que aceitamos a predominância do dinheiro sobre o homem. Às vezes, para acumular riquezas, não se presta atenção à sua origem, às



atividades mais ou menos lícitas que as originaram e à lógica de exploração que lhes pode estar subjacente. Assim, acontece que nalguns âmbitos se toque o dinheiro e as mãos se sujem de sangue, com o sangue dos irmãos. Ou, ainda, pode acontecer que sejam destinados recursos financeiros para semear o terror, para afirmar a hegemonia dos mais fortes, dos mais prepotentes, daqueles que sem escrúpulos sacrificam a vida do

irmão para afirmar o seu poder. São Paulo VI propôs que, com o dinheiro gasto em armas e noutras despesas militares, se constituísse um Fundo mundial para ajudar os mais deserdados (cf. Carta enc. *Populorum progressio*, 51). Retomei esta proposta na Encíclica *Fratelli tutti* pedindo que, em vez de investir no medo, na ameaça nuclear, química ou biológica, sejam utilizados recursos «para acabar de vez com a fome e para o

desenvolvimento dos países mais pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções violentas ou enganadoras, nem precisem de abandonar os seus países à procura de uma vida mais digna» (n. 262). O Magistério social da Igreja realçou o erro do “dogma” neoliberal (cf. *ibid.*, 168), segundo o qual a ordem económica e a ordem moral são tão diferentes e alheias uma à outra, que a primeira não depende de forma alguma da segunda (cf. Pio XI, Carta enc. *Quadragesimo anno*, 190). Relendo esta afirmação à luz dos tempos atuais, nota-se que «a adoração do antigo bezero de ouro (cf. *Êx* 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 55). Com efeito, «a especulação financeira, tendo a ganância de lucro fácil como objetivo fundamental, continua a fazer estragos» (Carta enc. *Fratelli tutti*, 168). As políticas de combate à lavagem de capitais e ao terrorismo constituem um instrumento de vigilância sobre os fluxos financeiros, permitindo a intervenção onde surgirem tais atividades irregulares ou até criminosas. Jesus expulsou os mercadores do templo (cf. *Mt* 21, 12-13; *Jô* 2, 13-17) e ensinou que «não podeis servir a Deus e à riqueza» (*Mt* 6, 24).

Com efeito, quando a economia perde o seu rosto humano, o dinheiro não nos serve, mas somos nós que o servimos. Isto é uma forma de idolatria contra a qual somos chamados a reagir, repondo a ordem racional das coisas que reconduz ao bem comum (cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I-II, q. 90, a.), segundo a qual «o dinheiro deve servir e não governar!» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 58; cf. Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 64; Carta enc. *Laudato si'*, 195). Ao implementar estes princípios, recentemente o Ordenamento do Vaticano tomou também algumas medidas sobre a transparência na gestão do dinheiro e para contrastar a lavagem de capitais e o financiamento do terrorismo. A 1 de junho passado, foi promulgado um Motu Proprio para uma gestão mais eficaz dos recursos e para promover a transparência, a vigilância e a concorrência nos processos de adjudicação de contratos públicos. Em 19 de agosto, uma portaria do Presidente do Governatorato submeteu as Organizações de Voluntariado e Pessoas Jurídicas do Estado da Cidade do Vaticano à obrigação de comunicar atividades suspeitas à Autoridade de Informação Financeira.

Caros amigos, renovo a minha gratidão pelo serviço que prestais, considero-o assim: um serviço, e agradeço-vos. Com efeito, as instituições sobre as quais vigiais destinam-se a tutelar “finanças limpas”, dentro das quais os “mercadores” são impedidos de especular naquele templo sagrado que é a humanidade, de acordo com o desígnio de amor do Criador. Mais uma vez obrigado, bom trabalho e não vos esqueçais de rezar por mim!

## Intervenção do cardeal secretário de Estado Pietro Parolin

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

humana, mudou também inevitavelmente a conceção da consciência: esta deixa de ser considerada na sua realidade original, ou seja, como um ato da inteligência da pessoa, a quem cabe aplicar o conhecimento universal do bem numa determinada situação e exprimir assim um juízo sobre a conduta justa a eleger, aqui e agora; tende-se a conceder à consciência do indivíduo o privilégio de estabelecer autonomamente os critérios do bem e do mal, e de agir em consequência. Esta visão identifica-se com uma ética individualista, na qual cada um se vê confrontado com a sua verdade, diferente da verdade dos outros. Levado às últimas consequências, o individualismo desemboca na negação da ideia mesma de natureza humana» (*Veritatis splendor*, 32).

Estas abordagens reducionistas do bem e da consciência estão no centro da maioria das correntes de pensamento, e são a ideologia liberal predominante, que coloca a lei moral e a consciência, bem como a nossa natureza humana e a nossa liberdade, em nítido contraste. Este contraste sentido tem consequências devastadoras na obtenção de uma compreensão justa da liberdade humana, incluindo a liberdade de consciência e a liberdade religiosa.

Essencialmente, a decisão de enraizar a liberdade do homem unicamente no ego, sem qualquer referência ao Criador, é inadequada. Conduz a uma compreensão limita-

da da liberdade religiosa e tem dificuldade de gerar e manter o espaço necessário para o pluralismo autêntico e a busca da verdade objetiva, ou seja, para a verdade que não acaba em mim nem em ti. Embora tenhamos de repetir continuamente que a liberdade religiosa comporta a capacidade de exercer, sem coerção nem ameaças de perseguição, as próprias convicções religiosas, tanto em privado como em público, isto é apenas uma parte da compreensão da liberdade religiosa. É a abordagem do *caminho negativo*, se quisermos, a qual simplesmente afirma que não deve haver coerção na prática da religião. Contudo, muitas vezes não conseguimos reconhecer que a liberdade religiosa é, ao mesmo tempo, a liberdade de procurar a verdade. A liberdade religiosa é também liberdade “para” a fé. Em síntese, deve ser também entendida de modo afirmativo. Sublinhar exclusivamente a expressão da liberdade religiosa como “liberdade de coerção externa” sem abordar aquilo a que tal liberdade está justamente ordenada, ou seja, a descoberta da verdade última da própria existência, das próprias origens e do próprio destino, concedidos pelo Criador, é como dar a uma criança um instrumento e dizer-lhe “não o deves usar para isto e aquilo”, sem nunca lhe explicar “para que fim tal instrumento deve servir”.

Se não me engano, existe uma famosa série de livretes de catequese publicada por um dos Conselhos de Baltimore, nos Estados Unidos.

Uma das perguntas iniciais daquele abecedário da fé é: “Por que te criou Deus?”; e a resposta correta a dar é: “Deus criou-me para o conhecer, amar e servir neste mundo e para ser feliz com Ele eternamente no mundo vindouro”. A simplicidade disto não deve ofuscar a profundidade desta verdade. Fomos criados com um propósito. Recebemos uma natureza ordenada para um certo fim, com os dons da inteligência e a vontade de conhecer e escolher o bem, cada um de acordo com a própria consciência. Sem este fim objetivo, um fim que existe para além do eu, nada mais podemos esperar do que encontrar uma sociedade em crise, com cada um de nós incapaz de abraçar quem quer seja, a não ser a si próprio.

No nosso debate sobre a liberdade religiosa, incluindo a sua promoção através da atividade diplomática, ainda é útil recordar não só o que esperamos defender e promover, mas também as ameaças que devemos enfrentar. Elas incluem certamente a opressão física, a perseguição e a imposição ideológica, mas também a negação da própria natureza do homem. Espero ter ajudado a esclarecer este aspeto hoje aqui convosco.

E, como sempre, faço votos de que iniciativas como o Simpósio de hoje continuem a dar impulso a nível internacional para que este direito humano fundamental possa ser usufruído por todos.

Obrigado pela vossa atenção!

# Mulheres protagonistas de uma Igreja em saída

Mensagem do Papa à Comissão feminina do pontifício Conselho para a cultura

«Através da escuta e do cuidado que demonstram para com as necessidades dos outros, e com a marcada capacidade de sustentar dinâmicas de justiça num clima de “calor doméstico”, nos diferentes ambientes sociais em que se encontram», «as mulheres são as protagonistas de uma Igreja em saída», evidenciou o Papa Francisco numa mensagem às participantes no seminário online (“webinar”) realizado na tarde de 7 de outubro, por iniciativa da Comissão feminina do pontifício Conselho para a cultura.

Prezadas amigas!

Sinto-me feliz por dirigir uma cordial saudação a vós que formais a Comissão feminina do Pontifício Conselho para a Cultura, por ocasião do seminário “As mulheres leem o Papa Francisco: leitura, reflexão e música”, composto por uma série de encontros que desta vez começa com o tema “Evangelii Gaudium”.

O vosso Congresso hodierno permite destacar também a bonita novidade que representais no âmbito da Cúria Romana, pela primeira vez, um Dicastério envolve um grupo de mulheres tornando-as protagonistas dos projetos e das linhas culturais

desenvolvidos e não apenas para se ocupar de questões femininas. A vossa Comissão é composta por mulheres comprometidas em diferentes ambientes da vida social e portadoras de visões culturais e religiosas do mundo que, embora sejam diferentes, convergem para o objetivo de trabalhar em conjunto no respeito mútuo. Para o vosso itinerário de leitura escolhestes três dos meus escritos: a Exortação *Evangelii gaudium* e, sucessivamente, a Encíclica *Laudato si’* e o *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*; escritos dedicados, respetivamente, aos temas da evangelização, da criação e da fraternidade. São escolhas significativas nas quais se reflete o espírito da Comissão, uma rica diversidade que sabe trabalhar procurando no diálogo pontos de acordo e de harmonia. É também relevante notar que o Congresso é colocado sob o sinal de uma grande mulher, proclamada Doutora da Igreja em 2012: Santa Hildegarda de Bingen. Como São Francisco de Assis, também ela compôs um hino harmonioso no qual canta e louva o Senhor da e na criação. Hildegarda unifica o conhecimento científico e a espiritualida-



de; e há mil anos – como verdadeira mestra – lê, comenta e cria, ensinando mulheres e homens. Ela rompeu os esquemas do seu tempo, que impediam as mulheres de estudar e entrar na biblioteca e, como abadessa, interveio também a favor das suas irmãs. Aprendeu a cantar e a compor música, o que para ela foi uma onda capaz de a conduzir para Deus. Para ela, a música não era apenas arte ou

ciência, era também liturgia. Agora, com este encontro, pretendeis criar um diálogo entre intelecto e espiritualidade, entre unidade e diversidade, entre música e liturgia, com um objetivo fundamental, ou seja, a amizade e a confiança universais. E fazeis isto com voz feminina que quer ajudar a curar, num mundo doente.

O vosso percurso de leitura poderá oferecer uma visão peculiar sobre o tema do confronto social e cultural como contributo para a paz, porque as mulheres têm o dom de oferecer uma sabedoria que sabe curar feridas, perdoar, reinventar e renovar. Na história da salvação é uma mulher que acolhe o Verbo; e são também as mulheres que guardam a chama da fé na noite escura, que esperam e proclamam a Ressurreição. A realização jubilosa e profunda da mulher está centrada nestes dois atos: o acolhimento e o anúncio. As mulheres são as protagonistas de uma Igreja em saída, através da escuta e do zelo que se manifestam pelas necessidades dos outros, e com uma marcada capacidade de sustentar dinâmicas de justiça num clima de “calor doméstico”, nos diferentes ambientes sociais em que se encontram. Escuta, meditação, ação amorosa: eis os elementos constitutivos de uma alegria que se renova e se comunica aos outros, através do olhar feminino, no cuidado da criação, na gestação de um mundo mais justo, na criação de um diálogo que respeita e valoriza as diferenças. Formulo votos a fim de que sejais portadoras de paz e de renovação.

Que sejais uma presença que, com humildade e coragem, saiba compreender e acolher a novidade e gerar a esperança de um mundo fundado na fraternidade. Acompanho-vos na minha lembrança orante a Deus, e peço-vos, por favor, que façais o mesmo por mim. Obrigado!

Roma, São João de Latrão,  
1 de outubro de 2020  
Memória de Santa Teresa  
do Menino Jesus.

FRANCISCO

Na intenção de oração para o mês de outubro

## Leigas em cargos de responsabilidade



«Alargar os espaços de uma presença feminina mais incisiva na Igreja»: eis a intenção do mês de outubro contida no vídeo da Rede Mundial de Oração do Papa.

«Ninguém foi batizado sacerdote ou bispo», começa o Pontífice, explicando que «todos nós fomos batizados como leigos». E a este respeito, assinala que «os leigos e as leigas são protagonistas da Igreja». Uma presença que, no entanto, deveria enfatizar mais «o aspeto feminino, porque em geral as mulheres são postas de lado». Foi a exortação do Papa Bergoglio a rezar para que «em virtude do Batismo, os fiéis leigos, especialmente as mulheres, participem mais nas instituições de responsabilidade da Igreja, sem cair em clericalismos que anulam o carisma laical».

A curta-metragem inicia, portanto, com a imagem de duas mulheres que vão a um quiosque comprar “L'Osservatore Romano”, jornal em que as mulheres encontram espaço e oferecem a sua contribuição para a reflexão e o debate sobre questões da fé e do magistério, em diálogo com a sociedade. Por este motivo, o jornal

da Santa Sé – que desde 4 de outubro voltou à edição em papel, renovado na gráfica e conteúdo – foi escolhido como “testimonial” para o vídeo que este mês tem como tema «Mulheres em cargos de responsabilidade na Igreja».

Após a primeira cena, é possível ver os rostos, mais ou menos conhecidos, das mulheres que trabalham no Vaticano, com cópias do nosso jornal. O filme, de facto, foi produzido em colaboração com o Dicastério para os leigos, a família e a vida e nele participam mulheres que exercem funções de chefia na Santa Sé e por jornalistas da comunicação social do Vaticano. O vídeo continua apresentando cenas dentro dos escritórios da Cúria romana e conclui-se com o pedido de Francisco a «promover a integração das mulheres nos locais onde são tomadas decisões importantes».

Distribuído como habitualmente através do site <http://www.thepopevideo.org>, o vídeo traduzido em nove línguas foi criado e produzido pela Rede Mundial de Oração do Papa em colaboração com a agência La Machi e o Dicastério para a Comunicação.

# Um jovem do nosso tempo conquistado por Cristo

Em Assis o cardeal Vallini presidiu à beatificação de Carlos Acutis em nome do Papa

«A beatificação de Carlos Acutis, filho da Lombardia e apaixonado pela terra de Francisco de Assis, é uma boa notícia, um forte anúncio de que um jovem do nosso tempo, um como muitos outros, foi conquistado por Cristo, tornando-se um farol de luz para quantos quiserem conhecê-lo e seguir o seu exemplo. A sua vida é um modelo, especialmente para os jovens, a encontrar gratificação não somente nos sucessos efêmeros, mas nos valores perenes que Jesus sugere no Evangelho, nomeadamente: pôr Deus em primeiro lugar, nas grandes e pequenas circunstâncias da vida, e servir os irmãos, particularmente os últimos»: eis as palavras proferidas pelo cardeal Agostino Vallini, legado pontifício para as basílicas de São Francisco e de Santa Maria dos Anjos em Assis, durante a missa de beatificação de Carlos Acutis (1991-2006), celebrada naquela cidade da Úmbria na tarde de 10 de outubro.

Na sua homilia, o purpurado traçou um retrato eficaz do jovem, que faleceu com 15 anos de idade. A sua “força”, disse, consistia precisamente em «ter uma relação pessoal, íntima e profunda com Jesus», e em «fazer da Eucaristia o momento mais alto da sua relação com Deus». Era «um rapaz normal, simples, espontâneo, simpático – basta olhar para a sua fotografia – amava a natureza e os animais, jogava futebol, tinha muitos amigos da sua idade, sentia-se atraído pelos modernos meios de comunicação social, apaixonado pela informática e, como autodidata, construiu programas “para transmitir o Evangelho, para comunicar valores e beleza”, como o Papa recordou na exortação apostólica *Christus vivit* (n. 105)». Tinha também «o dom da atração e era visto como um exemplo», salientou o cardeal Vallini. E o segredo da sua via espiritual residia na constatação de que «desde criança sentia a necessidade da fé e tinha o olhar voltado para Jesus. O amor pela Eucaristia – reiterou – fundava e mantinha viva a sua relação com Deus. Dizia frequentemente: “A Eucaristia é a minha rodovia para o céu”. Participava todos os dias na Santa Missa e permanecia durante muito tempo em adoração diante do Santíssimo Sacramento. E dizia: “Vais diretamente para o Paraíso, se te aproximares todos os dias da Eucaristia”. Para ele Jesus era Amigo, Mestre e Salvador, era a força da sua vida e a finalidade de tudo o que fazia».

Interiormente fortalecido pela presença do Senhor, Carlos tinha um desejo ardente: «Atrair o maior número possível de pessoas para Jesus, proclamando o Evangelho antes de mais mediante o exemplo de vidas», continuou o legado pontifício, assinalando que «foi precisamente o testemunho da sua fé que o impeliu a empreender com sucesso uma obra de evangelização assídua nos ambientes que frequentava, tocando o coração das pessoas que conhecia e despertando nelas o desejo de mu-



dar de vida e de se aproximar de Deus». E fazia-o com espontaneidade, mostrando com o seu modo de ser e de se comportar, o amor e a bondade do Senhor. Com efeito, era extraordinária – salientou ainda – a sua capacidade de dar testemunho dos valores em que acreditava, inclusive à custa de enfrentar equívocos, obstáculos e às vezes até de ser ridicularizado. Carlos sentia a forte necessidade de ajudar as pessoas a descobrir que Deus está próximo de nós e que é bom estar com Ele para beneficiar da sua amizade e graça».

Apesar da sua tenra idade, estava preparado para comunicar o Evangelho, utilizando vários instrumentos, «também os modernos meios de comunicação social, que sabia usar muito bem, especialmente a internet, que ele considerava um dom de Deus e um instrumento importante para conhecer as pessoas e propagar os valores cristãos». Para o novo beato, a internet era «não só um meio de evasão, mas um espaço de diálogo, conhecimento, partilha, respeito mútuo, a utilizar de forma responsável, sem se tornar seu escravo e rejeitando o *bullying* digital; no ilimitado mundo virtual é preciso saber distinguir o bem do mal». Nesta «ótica positiva – acrescentou o celebrante – Carlos encorajava a utilização dos meios de comunicação como instrumentos ao serviço do Evangelho, para alcançar o maior número possível de pessoas, levando-as a conhecer a beleza da amizade com o Senhor. Para tal finalidade, comprometeu-se a organizar a exposição dos principais milagres eucarísticos ocorridos no mundo, que usava também para fazer o catecismo às crianças».

Foi ainda recordada a sua grande devoção mariana. Com efeito, recita-

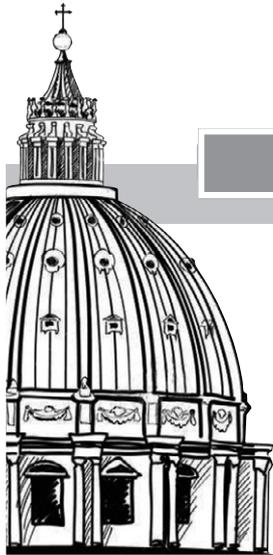
va o Terço todos os dias, consagrando-se várias vezes a Maria «para renovar o seu afeto e suplicar o seu amparo». Assim, fortalecido pela Palavra, pela Eucaristia, pela amizade com Jesus, a quem servia com grande caridade no seu próximo, e pelo amor filial à Virgem Maria, Carlos «viveu a doença que enfrentou com serenidade» até à sua morte, a 12 de outubro de 2006, repetindo: «Quero oferecer todos os meus sofrimentos ao Senhor pelo Papa e pela Igreja. Não quero ir para o Purgatório; quero ir diretamente para o Paraíso». Carlos «nunca se fechou em si próprio, mas foi capaz de compreender as necessidades e exigências das pessoas, nas quais via a face de Cristo. Portanto, uma vida luminosa, inteiramente oferecida ao próximo, como o pão eucarístico» salientou o cardeal. Referindo-se ao Evangelho da videira e dos ramos, lido na solene circunstância, o purpurado reiterou que «Carlos foi e levou o fruto da santidade, mostrando-o como meta alcançável por todos e não como algo abstrato e reservado a poucos. Testemunhou que a fé não nos afasta da vida, mas mergulha-nos mais profundamente nela, indicando-nos a via concreta para viver a alegria do Evangelho».

O cardeal Vallini concelebrou com o bispo de Assis – Nocera Umbra – Gualdo Tadino, arcebispo Domenico Sorrentino, com os outros membros da Conferência episcopal da Úmbria, entre os quais o cardeal Gualtiero Bassetti, arcebispo de Perugia – Città della Pieve e presidente da Conferência episcopal italiana, o bispo auxiliar de Milão, Paolo Martignelli, os guardiões do sagrado Convento, padre Mauro Gambetti, e da Basílica de Santa Maria dos Anjos,

padre Massimo Travascio, alguns provinciais das Famílias franciscanas e muitos sacerdotes. Mais de três mil peregrinos acompanharam a cerimónia, muitos deles através de grandes ecrãs montados nas praças das basílicas de São Francisco e de Santa Maria dos Anjos, de São Pedro e do Santuário do Despojamento.

Foi acompanhado com uma prolongada salva de palmas o descerramento da tapeçaria com o retrato do novo beato, colocada na absida da basílica superior de São Francisco, depois de o cardeal Vallini ter lido a carta apostólica com que o Pontífice inscreveu o servo de Deus no álbum dos beatos. Então, os pais de Carlos levaram em procissão ao altar o relicário com o coração do filho, enquanto o coro entoava o hino *Oh, Beato Carlos*, composto pelo padre Giuseppe Magrino.

No final da celebração, foi com as palavras do *Magnificat* que o arcebispo Sorrentino manifestou a sua gratidão e a da Igreja de Assis, antes de tudo ao Senhor, «que fez maravilhas na vida breve mas intensa do novo beato; depois ao Papa Francisco, «que ofereceu este dom à Igreja, reconhecendo em Carlos um modelo de santidade especialmente para os jovens»; em seguida, aos pais do beato – Andrea e Antonia – «que receberam este dom do alto, respeitando e apoiando o seu caminho de santidade»; e enfim à Igreja de Milão. Concluindo, D. Sorrentino disse: «Que mediante o exemplo de Carlos Jesus nos ajude a levar a fé cada vez mais a sério. Que acima de tudo os jovens possam encontrar o caminho da verdadeira alegria, vivendo a beleza desta terra sem deixar de olhar para o Céu». (*jean-baptiste sourou*)



## INFORMAÇÕES

### Audiências

*O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:*

No dia 8 de outubro

O Senhor Cardeal Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; D. Piergiorgio Bertoldi, Arcebispo Titular de Hispellum, Nuncio Apostólico em Moçambique; e D. Giuseppe Sciacca, Bispo Titular de Fundi, Secretário do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica.

Sua Ex.<sup>cia</sup> o Senhor Nicolas Ch. Pakias, Embaixador da Grécia, em visita de despedida.

No dia 9 de outubro

D. Salvatore Fisichella, Arcebispo Titular de Voghenza, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização.

Suas Ex.<sup>cias</sup> o Prof. Vincenzo Buonomo, Magnífico Reitor da Pontificia Universidade Lateranense; e o Dr. Júlio César Caballero Moreno, Chefe de Departamento na Pontificia Comissão para a América Latina.

No dia 10 de outubro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Sua Ex.<sup>cia</sup> a Senhora Beatriz Gutiérrez Müller, Esposa do Presidente da República do México.

No dia 12 de outubro

Sua Ex.<sup>cia</sup> o Senhor Francisco Javier Bautista Lara, Embaixador da Nicarágua, para a Apresentação das Cartas Credenciais.

D. Vito Rallo, Arcebispo Titular de Alba, Nuncio Apostólico em Marrocos; D. Heiner Wilmer, Bispo da Diocese de Hildesheim (Alemanha); e o Senhor Cardeal George Pell, Prefeito Emérito da Secretaria para a Economia.

### Nomeações

*O Santo Padre nomeou:*

A 9 de outubro

Membro Ordinário da Pontificia Academia das Ciências, o Prof. Ste-

fano Piccolo, Docente de Biologia Molecular na Universidade de Estudos de Pádua (Itália).

A 10 de outubro

O Senhor Cardeal Konrad Krajewski, Esmoler de Sua Santidade, Enviado Especial às celebrações do centenário da Arquidiocese de Łódź (Polónia), que terão lugar no dia 12 de dezembro.

Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de Tucumán, na Argentina, o Rev.<sup>do</sup> Pe. Roberto Ferrari, do clero da Diocese de Villa de la Concepción del Río Cuarto, até hoje Reitor do Seminário Maior "Jesús Buen Pastor", simultaneamente eleito Bispo Titular de Pinhel.

*D. Roberto Ferrari nasceu a 29 de novembro de 1965, em Uacha, Diocese di Villa de la Concepción del Río Cuarto (Argentina), e foi ordenado Presbítero em 19 de setembro de 1993.*

Auxiliar da Diocese de Zárate-Campana (Argentina), o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Justo Rodríguez Gallego, do clero da Arquidiocese Metropolitana de Toledo, na Espanha, até esta data Vigário-Geral da Diocese de Zárate-Campana (Argentina), simultaneamente eleito Bispo Titular de Nomentum.

*D. Justo Rodríguez Gallego nasceu no dia 29 de novembro de 1954, em Don Benito, Arquidiocese Metropolitana de Mérida-Badajoz, (Espanha), e recebeu a Ordenação sacerdotal a 6 de julho de 1980.*

Membros da Pontificia Comissão de Arqueologia Sacra, Suas Ex.<sup>cias</sup> as Professoras Rossana Martorelli e Maria Carla Somma.

A 12 de outubro

Arcebispo Metropolitano de Popayán (Colômbia), D. Omar Alberto Sánchez Cubillos, O.P., até agora Bispo da Diocese de Tibú.

Membro Ordinário da Pontificia Academia das Ciências, a Professora Maryanne Wolf, Docente de Neurociências na «University of California» (Estados Unidos da América).

A 14 de outubro

Bispo da Diocese de Springfield in Massachusetts, nos Estados Unidos da América, o Rev.<sup>do</sup> Pe. William D. Byrne, do clero da Arquidiocese de Washington, D.C., até à presente data Pároco da «Our Lady of Mercy Parish», em Potomac.

*D. William D. Byrne nasceu a 26 de setembro de 1964, em Washington, D.C. (EUA), e foi ordenado Presbítero em 25 de junho de 1994.*

Membro Ordinário da Pontificia Academia das Ciências, o Professor José Nelson Onuchic, Docente de Biofísica Molecular na «Rice University of Houston», nos Estados Unidos da América.

*O Professor José Nelson Onuchic nasceu a 17 de janeiro de 1958, em São Paulo (Brasil), em cuja Universidade obteve as licenciaturas em engenharia elétrica (1980), em engenharia física (1981) e em física aplicada (1982), doutorando-se em química no «California Institute of Technology» (EUA), em 1987. Após um breve período de estudos de pós-doutoramento em Santa Bárbara, Califórnia, ensinou na Universidade de São Paulo (Brasil) de 1987 a 1990, ano em que regressou aos Estados Unidos, onde lecionou na Universidade de San Diego, Califórnia, até 2011. Em seguida, transferiu-se para a Universidade de Rice em Houston, Texas, para ensinar física e astronomia, química e biociência. Nesta mesma Universidade é codiretor do Centro de física biológica teórica. Recebeu vários reconhecimentos pelos seus estudos, incluindo o «Beckman Young*

*Investigators Award» (1992). Foi membro da «U.S. National Academy of Sciences» (2006), bem como da Academia Brasileira de Ciências (2009). Ocupa-se de modo especial do estudo de métodos teóricos na fronteira entre a física e a biologia, com efeitos também sobre a biologia e a genómica humana.*

### Início de Missão de Nuncios Apostólicos

De D. Bernardito Auza, no Principado de Andorra (7 de setembro).

De D. Gábor Pintér, em Honduras (18 de setembro).

De D. Mitja Leskovar, no Iraque (24 de setembro).

## O embaixador da Nicarágua apresentou credenciais



*Na manhã de 12 de outubro, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o senhor Francisco Javier Bautista Lara, novo embaixador da Nicarágua, por ocasião da apresentação das cartas com as quais foi acreditado junto da Santa Sé*

O representante diplomático nasceu a 31 de maio de 1960 em Manágua, é casado e tem quatro filhos. Escritor, economista e especialista em políticas macroeconómicas, tem um mestrado em administração e gestão de empresas pela Universidade Centro-Americana e participou no Programa de alta gestão – Incae, na Costa Rica.

Especialista e consultor em segurança dos cidadãos e programas de modernização e desenvolvimento, completou os estudos especializados em Polícia na Bulgária, Espanha, Taiwan, França e Estados Unidos da América e em 1979 participou na fundação da «Policia Nacional de Nicaragua».

Ocupou os seguintes cargos: coordenador do primeiro programa

de modernização e desenvolvimento da «Policia Nacional de Nicaragua» (1999-2005); vice-diretor-geral e comissário-geral da mesma «Policia Nacional» (2001-2005); consultor de várias agências de cooperação internacional governamentais e não governamentais em matéria de segurança dos cidadãos e das reformas policiais na América Latina (desde 2005). Professor e conferencista em várias universidades da América Central, é membro do Centro nicaraguense de escritores (Cne), do Fórum cultural do Instituto nicaraguense de Cultura hispânica (Inch) e do Centro de Estudos de Desenvolvimento «Miguel d'Escoto Brockmann» da Universidade nacional autónoma da Nicarágua.

## ANGELUS

Apelo a favor do país norte-africano

## Um futuro de paz para a Líbia

«Chegou a hora de impedir todas as formas de hostilidade, favorecendo um diálogo que leve à paz, à estabilidade e à unidade» na Líbia, auspiciou o Papa Francisco no final do Angelus de 18 de outubro, recitado com os fiéis presentes ao meio-dia na praça de São Pedro, no respeito pelas medidas adotadas para evitar o contágio de Covid-19. Precedentemente, o Pontífice meditou sobre o tema da hipocrisia, sugerido pelo trecho evangélico do tributo a pagar a César (Mt 22, 15-21).

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste Domingo (cf. Mt 22,15-21) mostra-nos Jesus a lutar contra a hipocrisia dos seus adversários. Fazem-lhe muitos elogios – no início, muitos elogios – mas depois dirigem-lhe uma pergunta insidiosa para o colocar em apuros e o desacreditar perante o povo. Perguntam-lhe: «É lícito, ou não, pagar o tributo a César?» (v. 17), ou seja, pagar os impostos a César. Naquele tempo, na Palestina, o domínio do império romano era mal tolerado – e é evidente que eram invasores – também por motivos religiosos. Para a população, o culto do imperador, frisado também pela sua imagem nas moedas, era um insulto ao Deus de Israel. Os interlocutores de Jesus estão convencidos de que não há alternativa ao seu interrogatório: ou um “sim”

ou um “não”. Estavam à espera, precisamente porque com esta pergunta esperavam pôr Jesus em dificuldade e fazê-lo cair na armadilha. Mas Ele conhece a maldade deles e liberta-se da cilada. Pedes-lhes que lhe mostrem a moeda, a moeda dos impostos, a moeda do tributo, pega nela e pergunta de quem é a imagem gravada. Eles respondem que é de César, ou seja, do imperador. Então Jesus responde: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (v. 21).

Com esta resposta, Jesus coloca-se acima da controvérsia. Jesus, sempre acima. Por um lado, reconhece que o tributo a César deve ser pago – também por todos nós, os impostos devem ser pagos – porque a imagem na moeda é a sua; mas acima de tudo, lembra que cada pessoa traz dentro de si



outra imagem – nós trazemo-la nos nossos corações, nas nossas almas –: a de Deus, e portanto é a Ele, e só a Ele, que cada pessoa deve a sua existência, a sua vida.

Neste julgamento de Jesus encontramos não só o critério da distinção entre as esferas política e religiosa, mas também diretrizes claras para a missão dos crentes de todos os tempos, até para nós hoje. Pagar impostos é um dever dos cidadãos, assim como observar as justas leis do Estado. Ao mesmo tempo, é necessário afirmar a primazia de Deus na vida humana e na história, respeitando o direito de Deus ao que Lhe pertence.

Eis a missão da Igreja e dos cristãos: falar de Deus e dar testemunho dele aos homens e mulheres do seu tempo. Cada um de nós, pelo batismo, é chamado a ser presença viva na sociedade, animando-a com o Evangelho e com a linfa vital do Espírito Santo. É uma questão de nos comprometermos humildemente, e ao mesmo tempo com coragem, a dar a nossa própria contribuição para a construção da civilização do amor, onde reinam a justiça e a fraternidade.

Que Maria Santíssima ajude todos a evitar qualquer hipocrisia e a serem cidadãos honestos e construtivos. E nos sustente, a nós discípulos de Cristo, na missão de testemunhar que Deus é o centro e o sentido da vida.

*No final da prece mariana, antes do apelo a favor da Líbia, o Pontífice falou sobre o Dia missionário mundial e, neste contexto, deu graças a Deus pela libertação do padre Pier Luigi Maccalli, raptado há dois anos no Níger. Depois, dirigiu uma saudação especial à comunidade peruana, presente na praça com a imagem do “Señor de los Milagros”.*

Queridos irmãos e irmãs!

Hoje celebramos o Dia Mundial das Missões, que tem como tema

“Eis-me aqui, envia-me. Tecedores de fraternidade”. Esta palavra “tecedores” é bela: cada cristão é chamado a ser um tecedor de fraternidade. São-no de modo especial os missionários e as missionárias – sacerdotes, consagrados e leigos – que semeiam o Evangelho no grande campo do mundo. Rezemos por eles e demos-lhes o nosso apoio concreto. Neste contexto, quero agradecer a Deus pela tão esperada libertação do Padre Pier Luigi Maccalli... – saudemo-lo com este aplauso! – que foi raptado há dois anos no Níger. Também nos regozijamos porque três outros reféns foram libertados com ele. Continuemos a rezar pelos missionários e catequistas e também por aqueles que são perseguidos ou raptados em várias partes do mundo.

Gostaria de dizer uma palavra de encorajamento e apoio aos pescadores detidos na Líbia há mais de um mês e às suas famílias. Recomendando-se a Maria Estrela do Mar, mantenham viva a esperança de que em breve poderão voltar a abraçar os seus entes queridos. Rezo ainda para que os várias colônias que decorrem a nível internacional sejam relevantes para o futuro da Líbia. Irmãos e irmãs, chegou o momento de acabar com todas as formas de hostilidade, promovendo o diálogo que leve à paz, estabilidade e unidade do país. Rezemos juntos pelos pescadores e pela Líbia, em silêncio.

Saúdo-vos a todos, romanos e peregrinos de vários países. Em particular, saúdo e abençoo com afeto a comunidade peruana de Roma, aqui reunida com a venerada Imagem do Señor de los Milagros. Um aplauso para a comunidade peruana! Saúdo também os voluntários da Entidade Italiana Tutela dos Animais e Legalidade.

E desejo a todos um bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

## Foi apresentado o logótipo da JMJ de Lisboa em 2023

Inspira-se no tema escolhido pelo Papa o logótipo da Jornada mundial da juventude a realizar em Lisboa em 2023: «Maria levantou-se e partiu apressadamente (Lc 1, 39)». O principal elemento da representação – apresentada significativamente na sexta-feira 16 de outubro, dia em que o Papa João Paulo II foi eleito há 42 anos – é a Cruz. É atravessada por uma estrada onde o Espírito Santo se destaca. Trata-se de um convite dirigido aos jovens para que não fiquem parados, mas para que se tornem protagonistas na construção de um mundo mais justo e fraterno. O logótipo – com a inscrição “JMj Lisboa 2023” – parece animado pelo vento que move a simbólica bandeira portuguesa representada nas suas cores (verde, vermelho e amarelo). A representação estilizada do Rosário recorda a espiritualidade do povo português e a grande devoção à Virgem de Fátima. O Rosário é significativamente colocado num caminho para recordar a experiência

da peregrinação. Ao lado está representada Maria, no meio da sua juventude, no momento em que traz no ventre o Filho de Deus. A autora do logótipo – vencedora do concurso lançado para a ocasião – é Beatriz Roque Antunes, uma designer portuguesa de 24 anos.

